

Sobre o Totemismo



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan

Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Carlos Roberto Ferreira Brandão

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero

Vice-presidente Valeria De Marco

Carlos Alberto Ferreira Martins

Clodoaldo Grotta Ragazzo

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Ricardo Pinto da Rocha

Tânia Tomé Martins de Castro

Suplentes Marta Maria Gerales Teixeira

Primavera Borelli Garcia

Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana

Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin

ÉMILE DURKHEIM

Sobre o Totemismo

(Edição Bilingue e Crítica)

Organização e Edição
RAFAEL FARACO BENTHIEN
LUÍS FELIPE SOBRAL

Para Ari Pedro Oro e Heloísa André Pontes

Copyright © 2021 by Organizadores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Durkheim, Émile, 1858-1917

Sobre o Totemismo / Émile Durkheim; organização e edição Rafael Faraco Benthien, Luís Felipe Sobral; tradução Luís Felipe Sobral; edição bilingue e crítica. – 1. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021. – (Biblioteca Durkheimiana; 8)

Título original: Sur le totémisme

ISBN 978-65-5785-040-4

1. Antropologia 2. Etnografia 3. Totemismo 4. Sociologia
I. Benthien, Rafael Faraco. II. Sobral, Luís Felipe. III. Título
IV. Série.

21-69548

CDD-301

Índice para catálogo sistemático:

1. Sociologia 301

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2021

Foi feito o depósito legal

Apresentação da Coleção

SERGIO MICELI

A iniciativa da *Biblioteca Durkheimiana* revela a saudável ambição de uma nova geração de pesquisadores brasileiros. Além de traduções caprichadas de textos da *Escola Sociológica Francesa*, os organizadores planejam edições críticas e bilíngues. Tal intento consiste em restituir, em primeiro lugar, a história do texto, confrontando, se necessário, as várias edições publicadas pelo autor em vida. O aparato crítico inclui um dossiê de artigos produzidos por especialistas e anexos documentais pertinentes (resenhas, cartas etc.). O leitor é instigado a assumir uma resposta calibrada, averiguando as escolhas dos tradutores e tendo à disposição instrumentos para ir além.

Outro ponto digno de nota é o resgate de integrantes menos conhecidos dessa “Escola”. Embora reconhecessem Émile Durkheim como patrão e patrono, os *durkheimianos* lograram posição destacada no seio da Universidade Francesa da época por meio de um trabalho coletivo, dimensão a ser resgatada em vez da redução frequente desse experimento intelectual aos chefes de escola. Evocar novos nomes, bem como trazer à tona outras facetas das figuras já conhecidas, permitirá certamente uma visão mais abrangente e circunstanciada do grupo e de seus integrantes.

A Biblioteca Durkheimiana recusa a visão uniforme e chapada de uma tradição intelectual. Longe de catequizar, vendendo o “clássico” como conjunto de fórmulas no atacado, ela enxerga certa tradição intelectual como objeto de investigação. Àqueles brindados por esse manancial caberá a crítica da herança recebida, o que não dispensa autocrítica.

Nota dos Coordenadores da Coleção

RAFAEL FARACO BENTHIEN
RAQUEL WEISS

A Biblioteca Durkheimiana é uma iniciativa do Centro Brasileiro de Estudos Durkheimianos. Trabalhando em sintonia com o British Centre for Durkheimian Studies (Inglaterra), o Laboratoire d'Études Durkheimiennes (Canadá) e o Centre for the Study and Documentation of Religions and Political Institutions in Post-Secular Society (Itália), tal centro tem por finalidade promover uma reflexão crítica acerca da Escola Sociológica Francesa, agregando, para isso, estudantes e pesquisadores de diversas áreas – sociólogos, filósofos, antropólogos, cientistas políticos, historiadores e linguistas. A presente coleção é um dos meios para atingir essa finalidade.

Tentando fugir do molde de uma tradução pura, a Biblioteca Durkheimiana propõe ao público brasileiro e internacional edições bilíngues e críticas de textos pouco conhecidos ou já esgotados. Importa aqui, sobretudo, fugir da ideia de um texto unívoco, sedimentado na voz traduzida do autor, e, enfim, “clássico”. Afinal, nada mais perigoso para as ciências sociais que a celebração de uma tradição que vende fórmulas prontas para serem aplicadas. Os textos têm uma história, a qual se manifesta em seu próprio corpo (nas modificações engendradas por seus autores), nos suportes em que foram publicados (revistas, livros) e nas reações que vão aderindo ao original, tal qual um palimpsesto. É nesse cruzamento de diversas temporalidades, invariavelmente influenciado por contingências do momento, que é preciso situar-se para construir uma visão equilibrada e ponderada do que se lê. Eis aí o motivo para termos preservado o original com sua paginação (o que permite uma autonomia do leitor quanto à tradução), inserido anexos de época associados ao texto principal e, enfim, encomendado artigos junto a especialistas.

Agradecimentos

Os organizadores agradecem às valiosas contribuições dos colaboradores (Frederico Delgado Rosa, Luciano Mattuella, Raquel Weiss e Jayme Gomes Neto), assim como às seguintes pessoas e instituições: Christine Laurière, Fernanda Arêas Peixoto, Marcia Consolim, Marcos Chor Maio, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), The British Library, Collège de France, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Laboratoire d'Anthropologie Sociale (LAS), bem como o Trinity College, em Cambridge.

Sumário

1. Apresentação do Volume	17
2. Nota sobre a Tradução e o Aparato Crítico	39
3. <i>Sobre o Totemismo</i> (Edição Bilingue e Crítica)	41
4. Dossiê Crítico	117
4.1 O Totemismo Esquecido: Uma Página (In)Fecunda da Antropologia de Durkheim <i>Frederico Delgado Rosa</i>	119
4.2 Dos Ritos Efervescentes ao Banquete Antropofágico: O Totemismo e o Problema da Gênese da Cultura em Durkheim e Freud <i>Luciano Mattuella e Raquel Weiss</i>	135
4.3 O “Totemismo” como Operador do Discurso Durkheimiano <i>Jayme Gomes Neto</i>	159
4.4 Frazer e os Durkheimianos: Um Diálogo Assimétrico na Virada do Século <i>Luís Felipe Sobral</i>	181
4.5 Biobibliografia de Émile Durkheim	203
5. Anexos	213
5.1 Totemismo <i>J. G. Frazer</i>	215
5.2 Observações sobre o Totemismo Centro-australiano <i>J. G. Frazer</i>	253

5.3 O Totemismo <i>Marcel Mauss</i>	261
6. Sobre os Colaboradores	265
7. Índice Temático	267
8. Índice Onomástico	271

Apresentação do Volume

RAFAEL FARACO BENTHIEN
LUÍS FELIPE SOBRAL

Desprovido de justificativa, um livro sobre o totemismo em pleno século XXI corre o risco de ser tomado como um anacronismo. Há quase sessenta anos, no opúsculo intitulado *Le totémisme aujourd'hui* [O Totemismo Hoje], Claude Lévi-Strauss (1908-2009) lançou a derradeira pá de terra sobre esse tema que, durante décadas, muita tinta fizera correr. Por que então este livro? A resposta compreende dois aspectos imbricados: de um lado, certa maneira, que se pode denominar historicista, de perscrutar o passado das ciências sociais; de outro lado, algumas características específicas do próprio debate sobre o totemismo, com destaque para o que hoje se considera equivocado e acertado em suas premissas. Longe da pretensão de reconstruir inteiramente tal debate, esta apresentação busca apenas assinalar algumas balizas pertinentes para bem situar o artigo de Émile Durkheim (1858-1917) que nomeia o presente volume, assim como os demais textos a ele articulados. Publicado em 1902, no quinto tomo de *L'Année sociologique*, "Sobre o Totemismo" consiste fundamentalmente em uma reação à segunda teoria totêmica do antropólogo escocês James George Frazer (1854-1941), formulada à luz dos dados etnográficos então recém-reunidos por Walter Baldwin Spencer (1860-1929) e Francis James Gillen (1855-1912) na região central da Austrália. Até esse momento, a referência de Durkheim, e de muitos outros estudiosos, era um curto livro do próprio Frazer intitulado *Totemism*, uma versão estendida do verbete redigido para a *Encyclopædia Britannica* a convite de seu editor, William Robertson Smith (1846-1894). O verbete e o artigo que sintetiza a segunda teoria de Frazer, acompanhados de uma pequena nota de Marcel Mauss (1872-1950) sobre a questão da sobrevivência do totemismo na Antiguidade, compõem os anexos do presente volume. Há uma amarração específica entre os referidos textos e, no intuito de apreciar com maior profundidade

o artigo de Durkheim, é salutar compreendê-la. Nesse percurso, ambos os aspectos referentes à justificativa ganharão nitidez.

* * *

“Um totem é uma classe de objetos materiais que um selvagem considera com respeito supersticioso, acreditando que existe entre ele e cada membro da classe uma relação íntima e completamente especial”¹. Com esta definição lapidar, Frazer abre seu *Totemism*, de 1887². O assunto não era exatamente novo. O primeiro registro escrito do termo “totem”, assim como de seu derivado “totemismo”, encontra-se em *Voyages and Travels of an Indian Interpreter and Trader*, publicado em Londres, em 1791³. Pouco se sabe sobre o autor, o inglês John Long, exceto o que ele próprio revela sumariamente: seu livro consiste substancialmente no relato de suas aventuras como comerciante de peles e explorador no Canadá, onde permaneceu por quase vinte anos, na segunda metade do século XVIII. Tampouco há um exame detalhado do termo em questão. Grafado “*totam*” por Long, ele é de origem ojibua. Segundo o autor, trata-se de um espírito protetor teriomórfico associado a cada indivíduo, daí a preocupação em evitar todo tipo de injúria ao animal assumido pelo *totam*⁴. Durante os cinquenta anos subsequentes, o assunto, considerado próprio da América do Norte, permaneceu pouco explorado até o administrador colonial Sir George Grey (1812-1898) reconhecê-lo na Austrália, descrevendo-o em seus influentes *Journals of Two Expeditions of Discovery in North-West and Western Australia*, de 1841⁵. Grey relacionou certos costumes que se mostrariam persistentes na discussão vindoura sobre o totemismo, entre eles o emprego de fitônimos e zoônimos na organização social, a filiação matrilinear e

1. J. G. Frazer, *Totemism*, 1887, p. 1. Salvo indicação contrária, todas as traduções são de Luis Felipe Sobral.
2. Sobre Frazer, ver Robert Ackerman, *J. G. Frazer. His Life and Work*, 1990; *Idem*, “L’anthropologue qui meurt et ressuscite: vie et œuvre de James George Frazer”, *Bérose. Encyclopédie internationale des histoires de l’anthropologie*, 2018 (disponível on-line em berose.fr).
3. John Long, *Voyages and Travels of an Indian Interpreter and Trader, Describing The Manners and Customs of the North American Indians; with an Account of the Posts Situated on the River Saint Laurence, Lake Ontario, Etc. to which is Added, A Vocabulary of The Chippeway Language. Names of Furs and Skins, in English and French. A List of Words in the Iroquois, Mohegan, Shawanee, and Esquimaux Tongues, and a Table, shewing The Analogy between the Algonkin and Chippeway Languages*, 1791.
4. *Idem*, pp. 86-89.
5. George Grey, *Journals of Two Expeditions of Discovery in North-West and Western Australia, during the Years 1837, 38, and 39, Under the Authority of Her Majesty’s Government. Describing Many Newly Discovered, Important, and Fertile Districts, with Observations on the Moral and Physical Condition of the Aboriginal Inhabitants, Etc. Etc.*, 1841, 2 vols. Sobre Grey, ver George W. Stocking Jr., *Victorian Anthropology*, 1987, pp. 81-87.

a exogamia. Nesse momento, porém, o problema permanecia vago, reunindo elementos variados que não se ajustavam prontamente uns aos outros. Em todo caso, coube a Long e a Grey a identificação das duas regiões tipicamente associadas ao totemismo: a América do Norte e a Austrália, que se tornariam respectivamente o contraponto e o foco analítico de Durkheim em *Les formes élémentaires de la vie religieuse* [As Formas Elementares da Vida Religiosa]⁶.

O primeiro esforço de conceitualização do totemismo encontra-se em “The Worship of Animals and Plants”, o longo artigo em três partes que o antropólogo escocês John Ferguson MacLennan (1827-1881) publicou, no final da década de 1860, na prestigiosa *Fortnightly Review*⁷. A partir de uma leitura muito indireta de um autor fenício da Antiguidade remota chamado Sanconiaton⁸, ele extrai uma sequência progressiva de objetos cultuados pelos homens ao longo da história. Segundo essa leitura, a fitolatria e a zoolatria, esta associada especialmente às constelações, teriam precedido o surgimento dos deuses antropomórficos. Vislumbrando nesses cultos uma forma de totemismo, MacLennan busca demonstrar que todas as nações antigas passaram por um estágio de desenvolvimento totêmico. Esse recuo temporal depende de um deslocamento espacial, pois, como assinalado, o totemismo era então um fenômeno observado entre certos povos ditos primitivos, sobretudo os nativos norte-americanos e os aborígenes australianos. Nesse duplo movimento, MacLennan não se furta de propor uma definição do totemismo, cujo núcleo consiste, a seu ver, na crença segundo a qual os fenômenos naturais se devem à presença de espíritos. Fetichismo é o termo empregado por MacLennan para denominar tal crença. Para ele, o totemismo é uma forma de fetichismo acrescida de algumas peculiaridades: emprego de animais

6. Émile Durkheim, *Les formes élémentaires de la vie religieuse. Le système totémique en Australie*, 1912.
7. J. F. MacLennan, “The Worship of Animals and Plants”, *The Fortnightly Review*, New Series, vol. VI, pp. 407-427 e 562-582, 1869, vol. VII, pp. 194-216, 1870.
8. Em sua história fenícia, redigida em grego no século II d.C., Filo de Biblos alega ter obtido suas informações de um autor chamado Sanconiaton; tal história se perdeu, restando somente alguns fragmentos preservados na *Preparação Evangélica*, livro no qual o historiador cristão Eusébio de Cesareia, que viveu entre os séculos III e IV, defende o cristianismo diante do paganismo. Entre MacLennan e Sanconiaton, interpõem-se, portanto, Eusébio e Filo (ver Eusébio de Cesareia, *La préparation évangélique. Introduction générale. Livre I*, 1974, pp. 177-211). Vale observar, contudo, que as tradições registradas por Filo parecem genuínas, conforme mostram os textos encontrados na antiga cidade de Ugarit, destruída no século XII a.C. e escavada em 1929, no norte da Síria (J. F. Healey, “Sanchuniathon”, em Simon Hornblower, Antony Spawforth e Esther Eidinow (eds.), *The Oxford Classical Dictionary*, 2012, p. 1314; Marguerite Yon, “Ougarit”, em Jean Leclant (ed.), *Dictionnaire de l'Antiquité*, 2011, pp. 1597-1598).

e plantas como símbolos ou insígnias tribais, aos quais se deve um respeito religioso; transmissão da filiação exclusivamente através da mãe; obrigação de se casar fora do grupo totêmico, cujos membros acreditam descender do totem, considerando-se todos da mesma raça ou espécie dele. Munido desses critérios, que assim articulam o totemismo à organização social, seu tema predileto⁹, MacLennan pode então se dedicar ao estudo das fontes antigas em busca de vestígios totêmicos, com destaque para o zodíaco. Trata-se de vestígios porque, ao contrário do totemismo dos povos ditos primitivos, que pode ser efetivamente observado, o totemismo dos antigos pertence à pré-história, acessível somente através de monumentos e registros literários tardios, produzidos em estágios mais avançados do desenvolvimento dessas civilizações.

Embora tenha inaugurado o debate totêmico no âmbito da teoria social evolucionista, “The Worship of Animals and Plants” não foi capaz de estimular imediatamente uma discussão contínua sobre o tema. Entre as várias razões que explicam tal incapacidade, destaca-se a disposição do totemismo em função da questão muito incerta da sobrevivência da fitolatria e da zoolatria na Antiguidade, atenuando assim sua autonomia como um objeto de estudo em si mesmo¹⁰.

* * *

A contribuição de Frazer consistiu justamente em reconhecer a autonomia do totemismo como tema de pesquisa *sui generis*. Assim como outros autores que se debruçaram sobre a questão, ele não deixa de citar MacLennan, ou de assinalar o problema da existência de traços totêmicos na Antiguidade. Estas são, contudo, menções pontuais: seu interesse verdadeiro incide sobre o que chama de “totemismo selvagem”¹¹. Seu objetivo principal é a compilação e a classificação dos principais fatos então conhecidos sobre o totemismo, disponíveis particularmente em relatos de viagem e etnografias, um trabalho que ainda não havia sido feito. Frazer descreve a relação entre o homem e seu totem, geralmente uma espécie animal ou vegetal, como mutuamente benéfica: de um lado, o totem protege o homem; de outro lado, o homem respeita seu totem, evitando matá-lo, caso seja um animal, ou arrancá-lo, caso

9. Ver J. F. MacLennan, *Primitive Marriage. An Inquiry into the Origin of the Form of Capture in Marriage Ceremonies*, 1865.

10. Ver Frederico Rosa, *L'âge d'or du totémisme. Histoire d'un débat anthropologique (1887-1929)*, 2003, pp. 11-34; Robert Alun Jones, *The Secret of the Totem. Religion and Society from McLennan to Freud*, 2005, pp. 11-58.

11. J. G. Frazer, *Totemism*, *op. cit.*, p. v.

seja uma planta. Em seguida, ele propõe uma tipologia totêmica: primeiro, o totem clânico, comum a todo o clã e transmitido de geração em geração; segundo, o totem sexual, referente aos homens e às mulheres; terceiro, o totem individual, pertencendo a um único indivíduo. A maior parte de *Totemism* é dedicada ao totem clânico, que Frazer considera o mais importante, entendendo-o como um sistema religioso e social. O aspecto religioso concerne à relação mutuamente benéfica entre o homem e seu totem. Quanto ao aspecto social, ele não diz respeito somente à relação interna entre os membros de um clã, que se consideram parentes, geralmente através da filiação materna, e, portanto, não podem nem se casar, nem manter relações sexuais entre si. Devido precisamente a essa proibição, o aspecto social refere-se igualmente à relação externa entre os membros de determinado clã e os demais, junto aos quais aqueles devem contrair casamento.

Não há de fato novidade nesse livro de estreia de Frazer. O respeito pela espécie totêmica, protegida por uma série de interdições, por exemplo, fora sublinhado por MacLennan. Pautando-se no trabalho deste, Robertson Smith havia examinado a relação entre os aspectos religioso e social do totemismo no intuito de demonstrar a precedência da filiação materna sobre a filiação paterna na antiga Arábia¹². Ademais, Frazer não oferece nenhuma explicação propriamente dita do totemismo; seu livro consiste antes em uma espécie de compêndio sobre o tema. A princípio, ele sequer fora projetado para ser um livro, mas, como já mencionado, apenas um verbete para a nona edição da *Encyclopædia Britannica*, dirigida justamente por Robertson Smith.

Após defender uma leitura histórica e filológica do Velho Testamento, este estudioso da Bíblia e dos povos semíticos foi acusado de heresia por seus colegas da Igreja Livre da Escócia. Na sequência, em 1883, estabeleceu-se em Cambridge, onde conheceu e se tornou amigo de Frazer. Tal amizade foi decisiva para a formação intelectual e pessoal de Frazer, que até então concentrava seus esforços no estudo da Antiguidade. Por meio do diálogo com Robertson Smith, a antropologia articulou-se com este campo de pesquisa na obra frazeriana. E, como editor da *Encyclopædia Britannica*, Robertson Smith convidou Frazer a contribuir com vários textos¹³. A redação do verbete consagrado ao totemismo anuncia o *modus operandi* de quase todos os projetos futuros de Frazer, com um trabalho inicial

12. W. Robertson Smith, *Kinship and Marriage in Early Arabia*, 1885, pp. 186-216.

13. R. Ackerman, *J. G. Frazer, op. cit.*, pp. 53-63.

relativamente circunscrito crescendo de forma acelerada e marcado por uma ênfase compilatória. Aqui, porém, a escala ainda é modesta: o verbete tornou-se um pequeno livro, e não os quatro grossos *in-octavo* que compõem *Totemism and Exogamy*, acrescidos mais tarde, quando o tema já havia perdido muito de sua força, de um suplemento¹⁴. Publicado em 1887, *Totemism* nada mais é que uma versão estendida do verbete original, que saiu no ano seguinte e se encontra traduzido nos anexos deste volume¹⁵.

A despeito da falta de novidade, *Totemism* tornou-se logo a obra de referência sobre o tema. Como Frederico Delgado Rosa bem argumenta, isto deveu-se substancialmente ao fato de Frazer ter enfatizado duas questões: primeiro, a relação entre a definição conceitual de totemismo e a grande diversidade de dados etnográficos então disponível sobre o assunto; segundo, a relação entre o aspecto social e o aspecto religioso do totemismo. Na prática, essa visão de conjunto traçada por Frazer consistia em um desafio à comunidade científica, mostrando “tudo o que o totemismo *podia ser*, mas o valor mais ou menos essencial dos diferentes elementos devia ser subsequentemente ratificado”¹⁶. Em outras palavras, o antropólogo escocês estabeleceu os termos mesmo do debate, furtando-se, contudo, a tomar uma posição bem definida quanto ao totemismo propriamente dito. Delineava-se assim um amplo campo de discussão no qual outros estudiosos podiam se alojar.

Entre esses estudiosos, situava-se o próprio Robertson Smith, que já discutira brevemente o totemismo em seu *Kinship and Marriage in Early Arabia*, de 1885, como assinalado anteriormente. Ele retomou o tema em um ciclo de conferências ministrado alguns anos depois e dedicado à religião primitiva dos antigos semitas, os povos que viviam na região entre a península arábica e a Síria, o Mediterrâneo e as montanhas do Irã, incluindo árabes, hebreus, fenícios, arameus, babilônios e assírios. Nessas conferências, Robertson Smith argumenta que a origem do sacrifício reside no totemismo e, particularmente, em um banquete público no qual todos os membros do clã compartilhavam a carne do animal totêmico, cujo consumo era cotidianamente proibido; assim fazendo, eles consumavam sua unidade mística uns com os outros e com

14. J. G. Frazer, *Totemism and Exogamy. A Treatise on Certain Early Forms of Superstition and Society*, 1910, 4 vols.; *Totemica. A Supplement to Totemism and Exogamy*, 1937.

15. J. G. Frazer, “Totemism”, em *The Encyclopædia Britannica. A Dictionary of Arts, Sciences, and General Literature*, 1888, vol. XXIII, pp. 467-476. Ver, neste volume, o Anexo 5.1.

16. F. Rosa, *L'âge d'or du totémisme*, *op. cit.*, pp. 36-37, grifo do autor.

a divindade totêmica da qual todo o clã descendia¹⁷. Tratava-se sem dúvida de uma hipótese polêmica, pois ela implicava que esse sacramento totêmico era também a forma original do sacrifício para todas as religiões derivadas da religião dos antigos semitas, incluindo o cristianismo. A hipótese de Robertson Smith era — ao menos por ora — evidentemente conjectural, mas suas conferências abriram caminho para uma abordagem sociológica do fenômeno religioso, sendo decisivo no trabalho de Durkheim, sobretudo em *Les formes élémentaires de la vie religieuse*¹⁸.

* * *

Apesar de evitar inicialmente a formulação de uma teoria sobre o totemismo, Frazer não demorou muito a tomar um partido. Na primeira edição de *The Golden Bough*, de 1890, ele propõe uma explicação do totemismo a partir da teoria da alma externa, segundo a qual uma pessoa deposita sua própria alma fora de si, em um local menos vulnerável que seu corpo, tornando-se assim imortal, pois só é possível causar danos ao corpo se este contiver sua respectiva alma, considerada a fonte da vida. No intuito de explicar a relação entre um homem e seu totem, Frazer conjectura que os animais e as plantas totêmicos são considerados justamente um desses locais seguros; porém, sem saber precisamente qual indivíduo da espécie totêmica contém sua alma, o homem respeita a espécie como um todo¹⁹. Uma vez que as pesquisas subsequentes sobre o totemismo não confirmaram tal hipótese, Frazer reelaborou-a, propondo outras duas nas décadas seguintes²⁰. Compreende-se essa proliferação de teorias pelo valor provisório que Frazer lhes atribuía, sempre disposto a reformulá-las diante do aparecimento de novas informações que as questionassem; mas ela é igualmente um sintoma do caráter impreciso da questão totêmica.

A segunda teoria de Frazer foi suscitada pelo grande impacto dos novos dados etnográficos registrados por Spencer e Gillen na região central da Austrália, nos últimos anos do século XIX²¹. Des-

17. William Robertson Smith, *Lectures on the Religion of the Semites. First Series. The Fundamental Institutions*, 1889, pp. 251-277 e 294-296.

18. Ver Frederico Delgado Rosa, "Le totémisme hier. Obsessions naïves d'un débat anthropologique", em Christine Laurière (ed.), 1913. *La recomposition des sciences de l'homme*, 2015, pp. 178-195.

19. J. G. Frazer, *The Golden Bough. A Study in Comparative Religion*, 1890, vol. II, pp. 337-342.

20. Uma síntese das três teorias encontra-se em J. G. Frazer, *Totemism and Exogamy*, op. cit., vol. IV, pp. 52-63.

21. Sobre Spencer e Gillen, consultar os respectivos verbetes no *Australian Dictionary of Biography*, disponível on-line em adb.anu.edu.au; ambos foram redigidos por D. J. Mulvaney,

LANÇAMENTO 2021

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

